

S SINAIS DOS TEMPOS

/ JESUS, A SALVAÇÃO DAS EXTREMIDADES DA TERRA

/ ATEU, TEÍSTA E CRISTÃO

/ NÃO ADORAMOS TRÊS DEUSES

T



PUBLICADORA SERVIR
3º TRIMESTRE 2019
N. 150 / ANO 37 / €2,00



Sublime **DIVINDADE**



PUBLICADORA SERVIR
3º TRIMESTRE 2019
N. 150 / ANO 37

REVISTA INTERNACIONAL
EDIÇÃO TRIMESTRAL
EM LÍNGUA PORTUGUESA

DIRETOR Ezequiel Quintino
DIRETORA DE REDAÇÃO Lara Figueiredo
COORDENADOR EDITORIAL Paulo Lima
E-MAIL sinais@pservir.pt

DESIGN GRÁFICO Rita Mendes Sadio
DIAGRAMAÇÃO Sara Sayal
ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © Adobe Stock
CAPA – Unsplash por Eberhard Grossgasteiger

PROPRIETÁRIA E EDITORA
Publicadora SerVir, S. A.
DIRETOR-GERAL Artur Guimarães

SEDE E ADMINISTRAÇÃO
Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo
21 962 62 00

EDIÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA
Editorial Safeliz

EDIÇÃO EM LÍNGUA FRANCESA
Éditions Vie et Santé

EDIÇÃO EM LÍNGUA ITALIANA
Edizione ADV

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Jorge Fernandes, Lda. – Artes Gráficas

TIRAGEM 15 000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL Nº 63193/93

PREÇO NÚMERO AVULSO 2,00€

ASSINATURA ANUAL 8,00€

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO ICS
DR 8/99 ISSN 0873-9013

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

≈ ÍNDICE ≈

03

EDITORIAL

O Deus
Sublime

RELIGIÃO

04

Não adoramos três
deuses

*O significado profundo
da conceção de Deus como
Trindade.*

TEOLOGIA

09

Deus triúno

*A Escritura apresenta
Deus como uma Trindade
relacional.*

FAMÍLIA

14

O caminho para o
divórcio está cheio de
boas intenções

*Será que viver juntos
antes do casamento reduz
as possibilidades de
divórcio?*

BIOGRAFIA

18

Ateu, Teísta e Cristão

*Conheça o percurso de
vida de C. S. Lewis.*

PROFECIA

20

Jesus, a salvação das
extremidades da Terra
*Uma importante profecia
messiânica que aponta
para Jesus.*

CIÊNCIA

28

Bíblia e saúde

*As vantagens comprovadas
da religião bíblica para a
promoção da saúde.*

31

NOTÍCIA POSITIVA

17 horas em exercício
contínuo

*O feito de um atleta com
86 anos.*

32

NOTÍCIA QUE

FAZ PENSAR

O relógio continua
“perigosamente” a
dois minutos da meia-
-noite

*As alterações climáticas e
o risco nuclear ameaçam o
futuro do mundo.*

34

A BÍBLIA ENSINA

O Deus sublime

*O que a Bíblia tem a dizer
sobre Deus.*

O Deus Sublime



≈

Pr. Ezequiel Quintino

Diretor

“Nunca ninguém viu Deus!” (João 1:18.)

Esta afirmação ajuda a perceber o vazio da existência humana. O Homem tem divagado pelos caminhos da História em busca de um significado para o seu próprio ser. Cada época da história da Humanidade, cada civilização e as próprias consciências individuais empenharam-se na procura de Deus. O indivíduo, a família, a sociedade e o Estado mudam completamente de significado, na sua própria estrutura, se a existência de Deus vier a ser admitida ou negada.

No que diz respeito ao Cristianismo, desde o início, a interpretação cristã de Deus sofreu uma profunda influência da Filosofia extrabíblica. Platão influenciou o pensamento patrístico. A teologia medieval foi influenciada por Aristóteles. A Reforma pouco ou nada alterou das influências anteriores. O surgimento da moderna tendência antimetafísica, desenvolvida desde o Iluminismo (Kant, Hegel e Whitehead), e seguida depois por teólogos e filósofos liberais, influenciou a teologia cristã até hoje.

Não há na Bíblia um lugar específico no qual se examine toda a doutrina de Deus. É necessário percorrer o texto sagrado para ir captando, no relato histórico, as intervenções e revelações pessoais de Deus. O nosso método de abordagem é respeitar Deus e a Bíblia. É não trazer conceitos filosóficos humanos que influenciaram interpretações clássicas, modernas e pós-modernas da doutrina cristã de Deus. É deixar que Deus nos diga, através do texto bíblico, aquilo que Ele mesmo revelou.

O que podemos saber acerca de Deus deve ser revelado a partir das próprias Escrituras. Perceber Quem Deus é ajuda-nos a nos autodescobrirmos e a entendermos o sentido da vida. Esta busca prosseguirá neste Trimestre e nos seguintes. Nas páginas que se seguem vai encontrar algumas reflexões: Deus é Triúno, mas não adoramos três deuses, porque a Bíblia revela-nos um Único Deus Sublime que Se deu no Messias Salvador. Estudos científicos também mostram as vantagens de ler a e meditar na Bíblia para a saúde humana. A família, base estrutural da sociedade, não é esquecida.

Descubra isto, e muito mais, na leitura repousada desta *ST*. Seja feliz com Deus! Porque, como bem disse o poeta épico grego, Homero: *“Todos os homens têm fome de Deus.”* ▬

RELIGIÃO

NÃO ADORAMOS TRÊS DEUSES



John Reeve¹

*Professor de História
Eclesiástica e escritor*

1 John Reeve, Doutor, é professor de História Eclesiástica e escritor. Este texto foi condensado e adaptado do seu artigo "Porque não adoramos três deuses?", capítulo 10, do livro coletivo *A Lógica da Fé*, CPB, Tatui, SP, Brasil, 2015, p. 101.

O termo *Trindade* não se encontra na Bíblia. Porém, as descrições de Deus, de acordo com a revelação bíblica acerca da natureza da Divindade, evocam esse conceito. Esta concepção de Deus como Trindade tem sido um tema central, mas também problemático, para o Cristianismo. Esta maneira de definir Deus tem sido motivo para as outras duas religiões monoteístas, o Judaísmo e o Islamismo, acusarem o Cristianismo de ser politeísta. Alguns grupos cristãos minoritários também têm criticado esta doutrina da Trindade como uma representação de Deus sem lógica. Todavia, desde que a Igreja Cristã dos primeiros séculos escolheu a fórmula trinitária para expressar, da melhor maneira possível, o que a Bíblia revela sobre Deus, os Cristãos sentem-se confortáveis com essa definição de Deus – três Pessoas em um Deus, como Pai, Filho e Espírito Santo.

Esta concepção a respeito de Deus tem implicações sobre como as pessoas se relacionam com Ele e sobre a maneira como percebem a salvação. Ver Deus como três Pessoas celestiais combinadas numa única Divindade tem repercussões de longo alcance para as doutrinas de Cristo, do Espírito Santo e da salvação.

REVELAÇÃO E LÓGICA

Que três sejam um é uma impossibilidade de lógica. Isto desafia a lógica matemática, como também a lógica aristotélica. Então, por que razão a Igreja Primitiva chegou ao conceito de Deus como sendo Três em Um?

Primeiro, e de maneira muito simples, porque os escritores do Novo Testamento (NT) retrataram muito claramente Jesus Cristo ao lado do Pai. Quase toda a saudação ou quase todo o louvor incluem Deus Pai e o Senhor Jesus Cristo associados (Rom. 1:7; I Cor. 1:1-3; II Cor. 1:2; Efé. 1:3-6; Fil. 2:5-11; Tia. 1:1; I Ped. 1:2;

Apesar da lógica humana, a Bíblia insiste em que Deus é Um e Três. A quem daremos prioridade: à lógica humana ou à Revelação divina?

II Jo. 3; Jud. 25; Apoc. 1:9). Um estudo mais aprofundado do ensino bíblico encontrará tanto a unidade como a trindade de Deus nas Escrituras. A unidade é clara em Deuteronômio 6:4, que os Judeus rezam no Shemá: “*Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único SENHOR.*” A Trindade pode ser vista em vários textos. Por exemplo, no batismo de Cristo (Mat. 3:16 e 17), onde o Pai, o Filho e o Espírito Santo são individualmente descritos em ações simultâneas. Também é evidente na Grande Comissão (Mat. 28:19), em que Jesus ordena que os Seus discípulos sejam batizados “*em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo*”, e que se tornou na bênção-padrão da Igreja Cristã. Poderiam ser citados, pelo menos, mais 21 textos do NT que mencionam os Três Membros da Divindade combinados uns com os outros. Apesar da lógica humana, a Bíblia insiste em que Deus é Um e Três. A quem daremos prioridade: à lógica humana ou à Revelação divina?

TRINDADE: SOLUÇÃO OU PARADOXO?

Sem dúvida que daremos primazia à Revelação. Qualquer outra resposta criará uma teologia construída de baixo para cima, uma compreensão baseada na percepção ou na analogia. Contudo, colocar a Revelação divina acima da lógica dá lugar a uma teologia alicerçada na autorrevela-

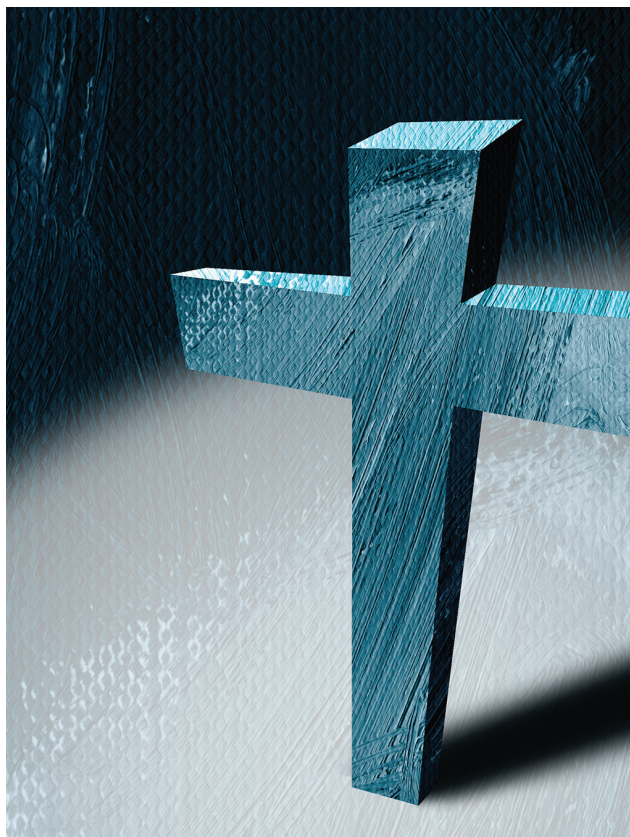
ção de Deus. Aliás, essa Revelação vem por meio de agentes humanos e é expressa em linguagem humana, de modo que *“agora vemos as coisas como num espelho e de maneira confusa”* e, como o apóstolo Paulo, conhecemos *“em parte”* (I Cor. 13:12). Mesmo assim, é preferível ver parcialmente o verdadeiro Deus, que está muito acima da conceção humana, do que alegar ter uma visão plena de uma divindade humanamente construída.

A fórmula trinitariana resume-se em: Deus é Três e é Um, isto é, é Triúno. Os conceitos não deixam dúvida e são bíblicos. O termo *Trindade* é simplesmente um nome que significa aquilo que Deus revela acerca de Si mesmo nas Escrituras. A Igreja Primitiva não resolveu o paradoxo revelado: Deus é Um e também é Três. Deram-lhe, simplesmente, um nome. *Trindade* não é a solução. É apenas uma designação numa só palavra que mantém o paradoxo intacto: Três em Um, o nosso Deus Triúno.

O ESPÍRITO SANTO COMO MEMBRO PESSOAL DA DIVINDADE


Alguns afirmam que o Espírito Santo não é um membro pessoal da Trindade, mas um poder impessoal que vem de Deus. Em resumo, esta posição defende que a Bíblia não apoia a ideia de que o Espírito Santo tenha qualquer “personalidade”.

Ora, vejamos o que diz a Bíblia acerca da relação interpessoal da Divindade. Na conclusão da sua segunda carta aos Coríntios, Paulo profere a bênção trinitariana clássica (II Cor. 13:13): *“A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós.”* Aqui, o Espírito Santo está especialmente identificado com a comunhão, que é o centro da relação interpessoal. Outros textos das Escrituras descrevem o ministério pessoal assumido pelo Espírito Santo na relação direta e individual com cada Cristão: convencer (Jo. 16:8-11);



regenerar (Jo. 3:5-8); guiar (Jo. 16:13); santificar (Rom. 8:1-17); autorizar para o serviço (Atos 1:8); revelar (Luc. 2:26); e conduzir, inspirando os profetas a falarem e a escreverem as Escrituras (II Tim. 3:16; II Ped. 1:21). Todos estes exemplos demonstram uma função ativa ou relacional pessoal com o crente (Jo. 16:13): *“Ele vos guiará a toda a verdade”*, *“[ele] dirá”*, e *“[ele] vos anunciará”*. Além disso, o Espírito Santo é responsável pela produção das Escrituras e das profecias, as quais têm um conteúdo proposicional. Esta tarefa requer uma comunicação consciente do conteúdo que não pode ser da autoria de um poder impessoal. De facto, o Espírito Santo está envolvido numa relação e numa comunhão íntima connosco.

Nos capítulos 14 a 17 do Evangelho de João encontramos o Pai, o Filho e o Espírito retratados numa relação interdependente e interativa, com o propósito de nos



O senso de pertença recíproca e de acesso aberto àquilo que os Três partilham descreve uma unidade perfeita entre os Três.

incluir na Sua relação recíproca de amor e de obediência. Quem conhece o Filho conhece o Pai (14:6, 9); o Filho revela o Pai (17:6, 25); e, embora o Filho traga glória para o Pai, o Pai glorifica o Filho (17:4). O Pai envia o Filho (16:5) e o Espírito (14:26); o Filho envia o Espírito (15:26; 16:7); o Espírito ensina, guia e testifica sobre o Filho (14:26; 15:26); e, por meio do Espírito, que habita em nós, o Filho, que está no Pai, virá a nós (14:16-20). As interações são retratadas como recíprocas entre os Três. Isto é especialmente notório no capítulo 17:6-10 – mediante a revelação do Pai pelo Filho para nós, o Filho é uma ponte entre o Pai e nós, os crentes, gerando a relação amorosa, confiante, crente e obediente. Essa ponte do Filho é-nos assegurada para sempre por meio do Espírito que habita em nós (14:16-18). Verifica-se que o Filho e o Espírito assu-

mem papéis submissos na relação para a nossa salvação (14:31). Este aspeto sugere igualdade na unidade.

O Evangelho de João contém várias declarações sobre a unidade entre o Pai e o Filho: “*Eu estou no Pai e [...] o Pai está em mim*” (14:10); “*tudo o que tenho é teu, e tudo o que tens é meu*” (17:10); “*Nós somos Um*” (17:22). Esta unidade estende-se também ao Espírito (16:14 e 15): “*Ele me glorificará, porque receberá do que é meu e vo-lo anunciará. Tudo quanto o Pai tem é meu. Por isso eu disse que o Espírito receberá do que é meu e vo-lo anunciará.*” Este senso de pertença recíproca e de acesso aberto àquilo que os Três partilham descreve uma unidade perfeita entre os Três. Da mesma maneira, João 14:16-23 retrata os Três Membros da Deidade a fazer, de modo unificado, a Sua morada em nós. Embora tivesse que nos deixar, Jesus indica que Ele estará conosco-

co por meio do Espírito Santo que viverá em nós. Jesus termina dizendo que Ele e o Pai virão e farão morada em nós. Isso quer dizer que o Espírito viverá em nós. Esta é a demonstração de uma forte unidade que iguala a presença de Um dos Três com a presença de todos os Três.

Ora, esta unidade dos Três é a percepção de uma Trindade. Esta unidade dos Três também sugere que o Espírito Santo tem uma personalidade, assim como o Pai e o Filho têm personalidade. É necessário lembrar aqui que a personalidade do Espírito Santo não deriva de um corpo, mas de um relacionamento.

Agora, do ponto de vista histórico, como foi que o Espírito Santo começou a ser entendido como uma força impessoal? A resposta está na história e na filosofia. O meio filosófico dos primeiros Cristãos incluía a concepção platônica e estoica de Deus em três partes: O Transcendente, chamado por Platão “Pai”; o demiurgo, ou *Logos*, que era o Criador imanente, a quem Platão se referia como *Diada* (Dois) ou como o “Filho”; e o poder que infunde a vida e a energia que enchem de força e de poder todo o Universo e as criaturas viventes que nele há, a que Platão chamava *Pneuma*, ou seja, “fôlego” ou “espírito”. Frequentemente esta concepção filosófica era presumida na leitura de textos sobre o Espírito Santo, enfatizando o papel subordinado do Espírito e usando termos que pudessem fazer o Espírito ser interpretado apenas como uma força. Entretanto, nem a filosofia nem a tradição devem controlar a maneira como lemos as Escrituras.

RAMIFICAÇÕES DA SALVAÇÃO CONCERNENTES À TRIUNIDADE DE DEUS

Abordemos agora as ramificações da relação salvífica com o nosso Deus como Três Pessoas em Uma Divindade. O ponto fulcral dessas ramificações é que a nossa salvação

está assegurada pelo mesmo Deus que é o Criador e Mantenedor de tudo. Jesus Cristo é Deus! No capítulo 1 do Evangelho de João, temos uma descrição de Jesus Cristo como o *Logos* (“Palavra”). Essa Palavra é descrita como Criadora e, também, como Deus (vv. 1-3), o Todo-Poderoso Governador do Universo (ver Tito 2:11-14, em que Paulo descreve Cristo como o *“nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus”*; e Romanos 9:5, em que Ele é o *“Deus acima de todos, bendito para todo e sempre”*). João 1 descreve a natureza e o caráter de Deus como vida e luz (vv. 4 e 5), enfatizando que a Palavra é a Fonte da vida eterna e da verdade eterna. No verso 14, João diz que *“a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós”*. Assim resume a história do Natal, na qual o grande e eterno Deus Se torna num frágil Bebê. Em adulto, desempenha a Sua missão como Messias num ministério público, anunciando o Reino de Deus, e preparando os discípulos para a Sua morte. Morreu como um sacrifício, *“o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”* (Jo. 1:29). Contudo, Cristo não ficou morto! Ele mesmo tinha dito (Jo. 10:17 e 18): *“Ninguém me tira a vida. Eu dou-a de livre vontade. Tenho poder de a dar e de a recuperar.”* A divindade de Cristo é a certeza de vida eterna para o crente.

Um Deus assim é digno de honra! Deus, o Filho, no Seu papel como Salvador (1) é o Todo-Poderoso, (2) ama-nos e (3) é, Ele mesmo, a ponte para a salvação da Humanidade. Somente o verdadeiro Deus pode levar a efeito essas três tarefas necessárias para a nossa salvação. *“Não há maior amor do que dar a vida por aqueles a quem se ama”* (Jo. 15:13). Um Deus assim é digno de ser amado! ▢

A divindade de Cristo é a certeza de vida eterna para o crente.

TEOLOGIA

DEUS TRIÚNO

≈
Ezequiel Quintino
Teólogo

A metanarrativa bíblica tem como contexto um Grande Conflito Cósmico. Esta cosmovisão ajuda a compreender melhor a Revelação bíblica. A Bíblia, enquanto Escritura Sagrada, é uma revelação dada por Deus. É a Sua autorrevelação. Como tal, responde às críticas contra Deus dentro do Grande Conflito. Assim, ao longo das Escrituras, o grande conflito entre Deus e Satanás vai-se desenvolvendo e, em simultâneo, desenvolve-se a vindicação de Deus. No final, todos os seres inteligentes concluirão que Deus não era Quem o inimigo quis fazê-l’O parecer, e reconhecerão Deus como Ele é (Isa. 45:23 e 24; Rom. 14:11; Fil. 2:10 e 11; Apoc. 5:1-3, 13; 19:1-6).

O caráter de Deus foi primeiro atacado pelo inimigo ainda no Céu. Desde aí, neste Planeta sujeito ao mal, as incompreensões acerca de Quem Deus é e as críticas ao Seu caráter têm prosseguido até hoje. A Pessoa de Deus foi a primeira doutrina a ser estudada pela Igreja Cristã. Cedo os crentes perceberam que não estavam a lidar com um Deus solitário, mas com um Deus Triúno. Veja-se, então, pelas Escrituras, como a própria Divindade revela Quem é e como Se relaciona entre Si.

DIVINDADE RELACIONAL

Deus é um Deus relacional e, por definição, “*Deus é amor*” (I Jo. 4:7-16). O amor universal de Deus encontra-se expresso em toda a Bíblia, desde o Génesis até ao Apocalipse. A Escritura apresenta Deus como uma Trindade relacional, na qual as Três Pessoas da Deidade vivem um eterno, divino e recíproco amor entre Elas mesmas. Pai, Filho e Espírito Santo sempre, desde toda a eternidade, experienciaram amor juntos e para sempre o experimentarão.

O PAI

A Bíblia chama ao Pai “Deus” – “*No princípio, criou Deus os céus e a terra*” (Gén. 1:1),

O amor universal de Deus encontra-se expresso em toda a Bíblia, desde o Génesis até ao Apocalipse. A Escritura apresenta Deus como uma Trindade relacional, na qual as Três Pessoas da Deidade vivem um eterno, divino e recíproco amor entre Elas mesmas.

e Ele criou o Universo pelo Filho (Heb. 1:1-3). Este mesmo Deus Pai “*amou o mundo de tal maneira que entregou o seu Filho Unigénito, para que todo o que nele crer não morra, mas tenha a vida eterna. Não foi para condenar o mundo que Deus lhe enviou o seu Filho, mas sim para que o mundo fosse salvo por ele*” (Jo. 3:16 e 17). “*Assim, Deus, por meio de Cristo, reconciliou consigo a humanidade*” (II Cor. 5:19). A Escritura fala ainda do “*Pai cheio de compaixão e Deus sempre pronto a confortar-nos*” (II Cor. 1:3), porque “*a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo*” (I Jo. 1:3).

Cristo chama ao Pai “Deus” – Em várias ocasiões, Jesus chamou “Pai” a Deus. Alguns exemplos: “*Está a chegar a hora – e é*

agora mesmo – em que aquele que adora o Pai o há de adorar no Espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito e os que o adoram devem fazê-lo no Espírito e em verdade” (Jo. 4:23 e 24). Jesus ensinou os discípulos a orar: “Pai nosso que estás nos céus” (Mat. 6:9). Na Sua oração ao Pai (João 17), Cristo revelou a relação que tinham. Chamou-Lhe “único Deus verdadeiro” (v. 3) e dirigiu-Se-Lhe como “Pai Santo” (v. 11) e “Pai justo” (v. 25). Jesus pediu em oração ao Pai que os discípulos e os Cristãos “estejam tão unidos a nós, como tu o estás a mim e eu a ti. Desta maneira, o mundo há de acreditar que tu me enviaste” (v. 21). Jesus pediu também proteção para os crentes: “Pai santo, protege-os pelo poder do teu nome, para que eles sejam um, como tu e eu somos um” (v. 11), “que os defendas das forças do mal” (v. 15) e “santifica-os pela verdade, a tua Palavra é a verdade” (v. 17).

O FILHO

A Escritura chama a Cristo “Deus” – “No princípio era a Palavra. A Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus. (...) Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada foi criado. Nele estava a vida (...) A Palavra fez-se homem e veio habitar no meio de nós, e nós contemplámos a sua glória, como glória do Filho Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo. 1:1-4, 14). O apóstolo Paulo afirma (Col. 2:9): “Porque nele [em Cristo], habita toda a plenitude da Deidade corporalmente.” A tradução literal mostra que o termo usado no original grego significa a própria essência de Deus e não apenas a Sua divindade. O livro de Hebreus afirma que Cristo “é o resplendor da glória e a expressão exata da essência do seu ser [do Pai], sustentando todas as coisas pelo poder da sua Palavra” (1:3). O que Deus é em essência é também manifestado em Cristo. Muitos outros textos mostram a essência divina de Jesus e a Sua identificação com o Pai. Ape-

nas mais dois exemplos: Jesus é chamado “Emanuel”, que significa “Deus conosco” (Isa. 7:14; Mat. 1:23); o apóstolo Paulo refere-se ao Segundo Advento de Cristo como “aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo, o qual a si mesmo se deu por nós” (Tito 2:13 e 14).

O Pai chama a Cristo “Deus” – Depois da morte e ascensão de Jesus ao Céu, Ele assumiu a Sua Majestade e Deus Pai diz-Lhe: “O teu trono, ó Deus, durará para todo o sempre. Cetro de equidade é o cetro do teu reino (...) No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da terra, e os céus são obra das tuas mãos” (Heb. 1:3, 8-10). Cristo, sendo da essência da Deidade, como Ser Auto-existente, tem “vida em si mesmo” (Jo. 5:26) e “é o verdadeiro Deus e a vida eterna” (I Jo. 5:20).

Cristo como Criador – Vejamos alguns textos bíblicos – Isaías 44:24: “Assim diz o SENHOR, que te redime, o mesmo que te formou desde o ventre materno: ‘Eu sou o SENHOR, que faço todas as coisas, que sozinho estendi os céus e sozinho espraiei a terra.’” João 1:1-3; Colossenses 1:13-17: “Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados. Este é a imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criação; pois nele foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, visíveis e invisíveis (...) Tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele tudo subsiste.” Percebe-se por estes textos que Cristo é o Deus Criador que “fez o Universo” (Heb. 1:2). E, para fazer isto – ser o Criador –, Cristo tinha que ser Deus.

O nome “Eu Sou” e o título “Rei dos reis e Senhor dos senhores” – Jesus afirmou estar vivo antes do tempo de Abraão, empregando um nome divino: “antes que Abraão existisse, eu sou” (Jo. 8:58). Há ainda uma identificação perfeita entre o Pai

Apesar de o Espírito Santo dizer pouco acerca de Si mesmo, Ele comunica muito sobre o Pai e sobre o Filho.



e Cristo (Apoc. 1:8, 17; 2:8; 21:6; 22:12-14): *“Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim.”* Por outro lado, o Pai, a Quem nenhum ser humano viu, é chamado *“Rei dos reis e Senhor dos senhores”* (I Tim. 6:15 e 16). Outro texto aplica o mesmo título a Jesus (Apoc. 17:14): *“o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis.”* Resumindo, entendemos a reciprocidade na natureza (ou essência) e na autoridade do Pai e de Cristo, que recebem a mesma honra e adoração e que Se sentam no mesmo trono (Apoc. 4:11; 5:12 e 13; 22:1-5): *“o trono de Deus e do Cordeiro.”*

O ESPÍRITO

O Espírito Santo é mencionado 88 vezes no Antigo Testamento, em cerca de metade dos seus 39 livros, e 264 vezes no Novo Testamento, em 24 dos seus

27 livros. Apesar de o Espírito Santo dizer pouco acerca de Si mesmo, Ele comunica muito sobre o Pai e sobre o Filho. Esta é uma evidência do amor desinteressado vivido no seio da Deidade – o Filho glorifica o Pai (Jo. 17:4), o Espírito glorifica o Filho (Jo. 16:14). Esta comunhão significa que Eles não fazem coisa alguma isoladamente, sem o concurso dos Outros (Jo. 5:22, 27, 30; 10:30, 37 e 38; 14:31; 15:10).

O Espírito é uma Pessoa – Alguns consideram que o Espírito é um poder ou uma energia que emana do Pai e do Filho, porque a Bíblia afirma que o Pai e o Filho enviaram o Espírito ao mundo (Jo. 14:15-17; 15:26). Outros acreditam que o “Espírito de Deus” é um Espírito que relaciona o Pai e o Filho – que é o Espírito que Eles partilham entre

Si. Nenhuma destas compreensões define o Espírito como uma Pessoa. Porém, há dois textos-chave (João 14:26; 15:26) que, na sua composição gramatical em grego, explicitam, sem qualquer dúvida, que o Espírito Santo é uma Pessoa da Deidade: “O Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” e “quando vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da Verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim”.

Por outro lado, o Espírito Santo está associado com Cristo nas mensagens enviadas às sete igrejas do Apocalipse. Cada mensagem menciona palavras de Jesus Cristo dirigidas a cada igreja e, no final da mensagem a cada uma delas, vem o apelo: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas” (Apoc. 2:7, 11, 17, 29; 3:6, 13, 22). As Escrituras afirmam que o Espírito é uma Pessoa e não um mero poder divino. Cristo e o Espírito são igualmente Deus, agem como Deus. Recorde-se as seguintes evidências de atributos e de ações divinas do Espírito Santo: (1) é Ele Quem gera Jesus no seio de Maria (Mat. 1:20); (2) Ele é “outro” igual (da mesma espécie ou classe) e não diferente de Cristo (Jo. 14:16). Cristo disse: “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja sempre convosco, o Espírito da Verdade (...) porque ele habita convosco e estará em vós. Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós” (vv. 17 e 18).

A Bíblia e Cristo chamam ao Espírito “Deus” – No texto de I Coríntios 2:6-14, todos os verbos atribuídos ao Espírito Santo indicam a Sua personalidade. E o apóstolo Paulo comenta a experiência espiritual dos crentes, dizendo (II Cor. 3:3): “você são uma carta de Cristo

(...) escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo.” Depois, em Romanos 8:26 e 27, 34, diz que o Espírito ajuda-nos “a nós que somos fracos (...)” e “o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. (...) Cristo Jesus está à direita de Deus, e também intercede por nós”. A implicação é óbvia. Assim como Cristo, sendo Deus, intercede por nós, também o Espírito Santo realiza essa mesma ação divina no próprio trono de Deus. Outros textos mostram as ações do Espírito Santo que são exclusivas da Pessoa da Divindade (Atos 5:3 e 4; Efé. 4:30). O livro denominado *Atos dos Apóstolos* também é chamado *Atos do Espírito Santo*, por se ver nele claramente o ministério do Espírito Santo. Jesus também descreve funções do Espírito Santo que mostram que Ele é Deus (Jo. 14:16-18; 16:7). Em resumo, para ser o Autor da Sagrada Escritura (II Tim. 3:16 e 17; II Ped. 1:21), para santificar os crentes em Cristo (Rom. 15:13, 16; Efé. 1:13; Tito 3:5) e para interceder por eles no Céu, o Espírito Santo tem de ser Deus. Finalmente, Jesus conforta os discípulos e assegura-lhes que, através do Espírito Santo, Ele estará sempre com eles (Mat. 28:20; Heb. 13:5): “estou convosco todos os dias até ao fim dos tempos!”

A esta Divindade que nos transcende, mas que está próxima e que nos ama com um amor infinito, devemos, em resposta, honrar, adorar e amar de todo o nosso coração, de todas as nossas forças e de todo o nosso entendimento! □

Bibliografia

Para um estudo mais aprofundado e pormenorizado, ver: Norman R. Gulley, *Systematic Theology – God As Trinity*, Andrews University Press, MI, USA, 2011; Woodrow Whidden, Jerry Moon, John W. Reeve, *A Trindade – Como Entender os Mistérios da Pessoa de Deus na Bíblia e na História do Cristianismo*, CPB, SP, Brasil, 2003.

FAMÍLIA

O CAMINHO PARA O DIVÓRCIO ESTÁ CHEIO DE BOAS INTENÇÕES



≈

Irina Cristescu
*Socióloga,
Conferencista,
Treinadora
Motivacional e
Jornalista*

*Retirado da
revista
Signs of the
Times, versão ro-
mena – Tradução:
Marlene Vieira.*

Mito: Viver juntos antes do casamento reduz as possibilidades de divórcio.

No mundo atual, cada vez mais pessoas optam por viver juntas antes do casamento e muitas decidem nem sequer casar. Estudos revelam que cerca de 60% dos casais vivem juntos antes de se casarem.

Alguns acham que coabitar antes do casamento dá aos casais a oportunidade de realmente conhecerem o seu parceiro, antes de se decidirem a assumir um compromisso para a vida inteira. Alguns creem que a coabitação antes do casamento diminui a taxa de problemas conjugais e de divórcio. Outros optam por coabitar devido ao medo que têm do compromisso e à dificuldade em confiar.

MITO OU REALIDADE?

Um estudo sobre primeiros casamentos realizado nos Estados Unidos da América, entre 2006 e 2010, e liderado por Casey E. Copen, foi baseado no *Estudo Nacional sobre o Crescimento da Família*. Este estudo parece sugerir que a coabitação antes do casamento não tem quaisquer efeitos negativos na longevidade marital. Ou seja, os casais que coabitaram antes do casamento tinham as mesmas hipóteses de terem casamentos que durassem 15 anos ou mais, tal como os casais que não coabitaram antes do casamento.¹

Ao considerar os resultados deste estudo, é importante perceber que o estudo não se centrou nos resultados da coabitação, mas foi uma sondagem sobre tendências e diferenças no grupo em situação conjugal, centrando-se nos primeiros casamentos nos Estados

Unidos da América. As conclusões foram retiradas de uma simples sondagem realizada com 12 279 mulheres e 10 403 homens, com idades entre os 15 e os 44 anos, que incluía a questão da coabitação apenas como um pequeno elemento do relatório global. Além disso, o estudo incluiu parceiros que coabitaram antes de se casarem, enquanto os praticantes da coabitação sucessiva não foram contemplados. Por outro lado, tal como Copen declara no seu artigo, “os modelos multivariados necessários para dissociar a complexa relação entre a coabitação pré-matrimonial e a estabilidade dos primeiros casamentos não fazem parte do âmbito deste relatório”.

Segundo Glen T. Staton, diretor dos *Estudos sobre Formação das Famílias*, os praticantes da coabitação sucessiva têm uma taxa de divórcio duas vezes superior em relação àqueles que coabitaram apenas uma vez antes do casamento. Além disso, o estudo descobriu, de facto, que as mulheres que coabitaram com o primeiro marido, antes de casarem, tinham mais probabilidades de fracassar no seu casamento do que aquelas que não coabitaram, antes do casamento, com o primeiro marido. Por fim, este estudo é apenas um entre um vasto volume de pesquisas sobre a questão da coabitação pré-matrimonial, em que a pesquisa tem muitas vezes demonstrado que a coabitação pré-matrimonial está associada a uma probabilidade mais elevada de divórcio.

EA BALANÇA INCLINA-SE A FAVOR DE...

Um grande número de estudos sociológicos demonstra a correlação entre a coabitação e o elevado risco de divórcio.² Por exemplo, um estudo sobre os efeitos da coabitação pré-matrimonial, publicado no *Journal of Family Psychology*, revelou que os casais que vivem juntos antes do casamento têm casamentos menos satisfatórios e estão sujeitos a um risco mais elevado de divórcio.³ No estudo,

os casais que coabitaram antes do casamento apresentaram níveis mais elevados de infelicidade no casamento e taxas de divórcio mais elevadas em comparação com casais que não coabitaram. Dos casais que viveram juntos antes do noivado, 19% divorciaram-se, e dos casais que coabitaram depois do noivado, divorciaram-se 12%,



isto comparado com uma taxa de divórcio de 10% entre casais que não viveram juntos antes do casamento. As pessoas que coabitaram antes do casamento também apresentaram mais problemas de comunicação e de agressão física em comparação com as pessoas que não viveram juntas antes do casamento.⁴ Este estudo, e muitos outros, demonstra que a coabitação antes do casamento leva a um aumento dos conflitos, a taxas de divórcio mais elevadas e a uma estabilidade reduzida nos relacionamentos ao longo do tempo.

O VEREDITO...

Muitos casais acreditam que a decisão de viverem juntos é apenas temporária – eles tencionam casar-se algum dia. A realidade é que, quanto mais tempo um casal coabita, mais difícil se torna a decisão pelo casamento. Outra armadilha da coabitação é a crença de que ela proporciona a vantagem de uma relação matrimonial sem o compromisso do casamento. Oferece liberdade de escolha. Mas esta aparente

liberdade provoca as suas próprias dificuldades internas. Os casais questionam-se se fizeram a escolha acertada, e interrogam-se se poderão encontrar alguém melhor. A relação está baseada numa decisão de primeiro “experimentar o terreno”, o que, muitas vezes, conduz à insatisfação, a expectativas goradas e à exaustão emocional.

No casamento, os parceiros dizem um ao outro: “Quero-te tal como és. O bom e o mau. Dedico-me a ti.” A coabitação envia outra mensagem: “Não tenho a certeza se estou preparado/a para me comprometer contigo. Mas, podemos tentar e ver como correm as coisas, e depois decidiremos mais tarde.” O veredito está dado. Uma relação baseada na incerteza e na falta de compromisso não é saudável e está condenada ao fracasso desde o início. ▢

1 C. E. Copen *et al.*, “First Marriages in the United States: Data From the 2006-2010 National Survey of Family Growth”, *National Health Statistics Reports*, 49, 2012.

2 Kline *et al.*, “Timing is Everything: Pre-engagement cohabitation and increased risk for poor marital outcomes”, *Journal of Family Psychology*, 18, 2003; G. K. Rhoades, S. M. Stanley, and H. J. Markman, “Couples’ reasons for cohabitation: Associations with individual well-being and relationship quality”, *Journal of Family Issues*, 20, 2009.

3 G. K. Rhoades, S. M. Stanley, and H. J. Markman, “The pre-engagement cohabitation effect: A replication and extension of previous findings”, *Journal of Family Psychology*, 23 (1), 2009: 107-111.

4 G. K. Rhoades, S. M. Stanley, and H. J. Markman, “The impact of the transition to cohabitation on relationship functioning: Cross-sectional and longitudinal findings”, *Journal of Family Psychology*, 26 (3), 2012: 348-358.

DEUS

"Eu compreendo que um homem possa olhar para baixo, para a terra, e ser um ateu.

Mas não posso conceber que ele olhe para os céus e diga que não existe Deus."

Abraham Lincoln (1809-1865),
político e 16º Presidente dos EUA

"É natural que o conhecimento que o Homem pode ter de Deus seja limitado, porque, sendo Deus infinito, não pode enquadrar-Se nos limites da mente humana, finita."

Karl Barth (1886-1968),
teólogo Protestante suíço

ATEU, TEÍSTA E CRISTÃO



Ezequiel Quintino

Teólogo



É impossível viver sem acreditar. Não se pode viver sem crença em alguém ou algo. Todos acreditamos, todos temos fé. Em quê ou em quem? Cada um responde por si. Assim, mesmo que se negue, todos fazemos um percurso de crença mais ou menos consciente.

Neste contexto, há vidas que vale a pena conhecer. Uma delas é a de Clive Staples Lewis, conhecido internacionalmente como C. S. Lewis, o célebre autor de *As Crônicas de Nárnia*, que a *Disney* colocou em filme. Dos 15 aos 30 anos, vive como ateu. Com 31 anos, em conversa com um amigo, admite Deus e torna-se teísta. Depois, pela influência de outro amigo, aceita o Cristianismo, do qual se torna um defensor convicto.

C. S. Lewis nasceu em Belfast (atual Irlanda do Norte) a 29 de novembro de 1898. Os pais (Florence e Albert Lewis) eram Anglicanos. Clive cresceu com o irmão Warren (três anos mais velho) num ambiente cristão, no meio dos livros da biblioteca da família. Nesta atmosfera cultural, dedicaram-se à leitura de livros clássicos, construindo um mundo próprio, dominado pela sua fértil imaginação e criatividade. Aos 10

anos, a morte prematura da mãe gerou nele um processo de questionamentos, que, mais tarde, se revelariam na sua obra e trajetória intelectual e espiritual. Com 12 anos, foi para o *Makvern College*, em Worcestershire, em Inglaterra. Aos 15 anos, Clive tornou-se ateu e ficou curioso pelo ocultismo. Ainda na adolescência, interessou-se pela mitologia nórdica e grega, pelo latim e pelo hebraico. Em 1916, com 18 anos, foi admitido na *University College* de Oxford, mas foi forçado a interromper os estudos para participar na I Guerra Mundial. Os horrores da guerra e do sofrimento humano reforçaram o seu ateísmo com tendências freudianas. Terminada a Guerra, em 1918, Clive voltou a Oxford para se graduar, em 1920, em Línguas e Literaturas Clássicas. Também se formou em Linguística e Teologia.

De 1925 a 1954, C. S. Lewis lecionou no *Magdalen College*, em Oxford. Foi também professor de Literatura Medieval e Renascentista na Universidade de Cambridge. Tornou-se altamente respeitado nesta área de estudo em toda a Europa, tanto como professor como escritor. Mas um dos

problemas que afastava Clive da fé era o denominado problema do mal com o enigma do sofrimento. Curiosamente, com o tempo, ele foi percebendo que a grande maioria dos autores que lia e admirava profundamente eram religiosos e, especificamente, Cristãos: desde Agostinho, Tomás de Aquino, Dante Alighieri até John Milton e G. K. Chesterton. Lewis perguntava-se constantemente: “Como podiam ser tão inteligentes e crer nesse conto de fadas religioso?” Na docência em Oxford, foi colega e amigo do também professor J. R. R. Tolkien, autor de *O Senhor dos Anéis*. Numa noite, em 1931, ao discutir com Tolkien, que era Católico, aceitou Deus e o Cristianismo puro e simples. Depois da leitura do livro de um outro amigo, G. K. Chesterton, *O Homem Eterno*, Lewis finalmente tornou-se Cristão Anglicano.

Durante a II Guerra Mundial, numa época em que a desesperança reinava, a *BBC* convidou Lewis para fazer uma série de palestras, entre 1941 e 1944, sobre os fundamentos da fé cristã. Foi-lhe pedido que desse a razão da sua esperança para milhões de pessoas sem esperança. As palestras foram transmitidas pela Rádio com enorme êxito, sendo chamado “apóstolo dos cétricos”, especialmente nos EUA.

C. S. Lewis notabilizou-se como professor, escritor, crítico literário e como magistral apologista cristão. Usou a lógica e a filosofia para apoiar os princípios da fé cristã. Defendeu a verdade literal das Escrituras Sagradas sobre Jesus, a Sua vida, morte e ressurreição. Lewis escreveu 38 livros, traduzidos para mais de 40 línguas, tendo sido vendidos mais de 200 milhões de cópias. Destacam-se alguns títulos: *O Problema do Sofrimento* (1940), *Mero Cristianismo* ou *Cristianismo Puro e Simples* (1952), *As Crônicas de Nárnia* (série de sete livros de ficção, 1950-1956).

Clive Staples Lewis faleceu a 22 de novembro de 1963, aos 64 anos, de ataque

cardíaco, no mesmo dia em que morreu Aldous Huxley, escritor cético britânico, e John F. Kennedy, presidente dos EUA. Esta coincidência serviu como pano de fundo para o livro de Peter Kreeft, *O Diálogo – Um debate além da morte entre John F. Kennedy, C. S. Lewis e Aldous Huxley*, onde os três personagens, representando o teísmo ocidental (Lewis), o humanismo ocidental (Kennedy) e o panteísmo oriental (Huxley), discutem sobre religião e Cristianismo.

CONCLUSÃO

Aqui está um exemplo de percurso de vida. C. S. Lewis passou por vários estágios: de crente a agnóstico e ateu, depois teísta e crente cristão convicto e empenhado na defesa da fé cristã. Nem todos temos de viver uma experiência semelhante. Cada um, com a sua sensibilidade e as suas escolhas, vai fazendo o seu próprio percurso.

Talvez estes dois pensamentos de Lewis nos revelem mais um pouco da sua experiência que poderá aplicar-se também a nós nalgum momento da vida. ▢

“Todos nós desejamos o progresso. Mas, se você está na estrada errada, progresso significa fazer o retorno e voltar para a estrada certa. Nesse caso, o homem que volta primeiro atrás é o mais progressista.”

“Quanto mais deixamos que Deus assumo o controlo sobre nós, mais autênticos nos tornamos – pois foi Ele Quem nos fez. Ele inventou todas as diferentes pessoas que eu e você tencionávamos ser (...) É quando me viro para Cristo e me rendo à Sua personalidade que, pela primeira vez, começo a ter a minha própria e real personalidade.”

Bibliografia

www.ebiografia.com/c_s_lewis/
www.cruzclothing.com.br/biografia-cs-lewis/
www.alexandroabc.blogspot.com/2008/10/biografia-clive-staples-lewis.htm

PROFECIA

JESUS, A SALVAÇÃO DAS EXTREMIDADES DA TERRA

≈

Paulo Lima

Editor e redator da

Revista Sinais dos Tempos





INTRODUÇÃO

As profecias messiânicas do Antigo Testamento sempre fascinaram os seus leitores. Estas profecias diferenciam-se das restantes por se focarem na vida e na obra do Messias. O Messias é o “Ungido” do Senhor – é esse o significado do termo hebraico *Mashiah* – que viria salvar o povo de Deus e instaurar o Reino de Deus na Terra. Ao longo da história de Israel, foram vários os profetas que fizeram predições sobre o Messias. Entre essas profecias encontram-se os quatro poemas presentes no livro do profeta Isaías, que são conhecidos como os “Poemas do Servo de *Yahweh*”. Estas profecias poéticas descrevem a vocação, o ministério e a morte de um personagem designado pelo profeta como “Servo de *Yahweh*”.

Já tivemos ocasião de interpretar o “Primeiro Poema do Servo de *Yahweh*” (Isaías 42:1-7) nas páginas da *Sinais dos Tempos* do primeiro Trimestre de 2019. No presente número da Revista iremos procurar compreender o “Segundo Poema do Servo de *Yahweh*”, que se encontra em Isaías 49:1-7. (Os outros dois poemas surgem em Isaías 50:4-9; 52:13-53:12.)

O texto da profecia de Isaías 49 é o seguinte: *“Escutai-me, ilhas! Prestai atenção, povos longínquos! Yahweh chamou-me desde o ventre materno, ele pronunciou o meu nome desde as entranhas da minha mãe. Ele dispôs a minha boca como uma adaga cortante, ocultou-me na sombra da sua mão; ele colocou-me como uma flecha aguçada, escondeu-me na sua aljava. Ele disse-me: ‘Tu és o meu servo, [Israel,]’ e em ti manifestarei o meu esplendor.’ Mas eu disse: ‘Fatiguei-me em vão, consumi a minha força pelo vazio e pelo vento. No entanto, o meu direito está com Yahweh e a minha recompensa está com o meu Deus.’ E agora falou Yahweh, que me formou desde o ventre materno para ser seu servo, a fim de devolver-*

-Ibe Jacob e a fim de que Israel Ibe seja congregado. Eu serei glorificado aos olhos de Yahweh e o meu Deus é a minha força! E ele diz: 'É pouco que sejas o meu servo para fazeres erguerem-se as tribos de Jacob e para fazeres voltar os sobreviventes de Israel. Eu te darei como luz das nações, para seres a minha salvação até às extremidades da terra.' Assim disse Yahweh, o Redentor e o Santo de Israel, àquele cuja alma é desprezada e que é vilipendiado por uma nação, ao escravo dos tiranos: 'Reis verão e se erguerão, príncipes verão e se prostrarão, por causa de Yahweh, que é fiel, por causa do Santo de Israel, que te escolheu.'

O presente poema foi composto na fase final do longo ministério do profeta Isaías. Esse ministério decorreu entre 739 a.C. e 690 a.C.. Procuremos, pois, interpretar este enigmático texto profético.

INTERPRETAÇÃO DE ISAÍAS 49:1-7

Em Isaías 49:1 ouve-se uma voz desconhecida, que toma a palavra. Essa voz deseja ser ouvida por todas as nações do mundo, para que elas sejam suas testemunhas e porque aquilo que ela tem para dizer também lhes concerne. Ela dirige-se a todos os povos, incluindo os povos mais distantes da Terra. De facto, no pensamento hebraico, as “ilhas” são os países das afastadas costas do Mar Mediterrâneo. Portanto, ao mencionar as “ilhas”, a voz desconhecida pretende referir os povos afastados, espalhados pela Terra (cf. Isaías 41:1, 5; 66:19). Daí ela dirigir-se expressamente aos “povos longínquos”. Este personagem tem uma extraordinária e solene proclamação a fazer à Humanidade. Ele declara ter sido chamado por *Yahweh* para uma missão específica e fora do comum. Esse chamado expressou-se sob a forma de uma eleição, que o predestinou desde o momento da sua concepção no útero materno. Ele foi escolhido por Deus para cumprir a sua missão antes mesmo de ter nascido. Assim, o plano

de Deus para ele precede até o nascimento, mostrando que é anterior a todo o projeto humano.

A missão deste personagem é uma missão profética, em que deve ser usada a palavra como instrumento eficaz. Ele deve falar em nome de *Yahweh*, como Seu arauto. Para esse efeito, Deus capacitou-o para ser um orador poderoso, deu-lhe a capacidade de falar incisivamente. *Yahweh* fez da sua boca “*uma adaga cortante*”, que profere palavras eficazes e penetrantes, e fez dele uma “*flecha aguçada*”, que atinge e penetra o alvo mais distante. Ao ser comparado com estas duas armas ofensivas, ele é caracterizado como estando destinado a realizar um ministério proativo em favor da causa de Deus. No entanto, este profeta chamado por Deus não deveria ser imediatamente revelado ao mundo para cumprir a sua missão. Por isso, o profeta afirma que Deus o ocultou “*na sombra da sua mão*” e que o Senhor o escondeu “*na sua aljava*”. Tal como o guerreiro dissimula uma adaga sob a palma da sua mão ou esconde uma flecha na sua aljava, esperando o momento certo para usar tais armas, também Deus manteve em reserva o Seu profeta por um tempo, para Se servir dele quando chegasse o momento histórico oportuno.

Entretanto, o protagonista do oráculo profético apresentado em Isaías 49 continua a descrever a sua vocação. Segundo o seu testemunho, Deus declarou ser ele o Seu “servo” (*‘ebed*). Este é o propósito para o qual foi chamado por Deus desde a sua concepção no ventre materno. *Yahweh* também declarou que a Sua glória será manifestada pelo ministério deste Seu servo. De facto, a Humanidade reconhecerá que o servo levará a cabo a sua missão graças ao poder de Deus. O sucesso da missão do servo será o sucesso da vontade de *Yahweh*, pelo que Deus será glorificado pelo Seu

servo diante das nações. Que seja o servo a glorificar o seu Senhor é um paradoxo que aponta para o caráter extraordinário deste servo de *Yahweh*. O servo é um agente que difundirá a glória de Deus pelo mundo.

O servo relata então a sua ponderação do sucesso inicial do seu ministério ao serviço de Deus. Ele declara que, na primeira fase da respetiva missão, a sua obra foi estéril e infrutífera. Apesar de empregar as suas forças na missão inicial que Deus lhe destinou, nada obteve em retorno. Estas palavras do servo não são sinal do seu desencorajamento, pois ele testemunha em seguida da sua confiança em Deus. Ele sabe que *Yahweh* reconhece com justiça a bondade do seu esforço e que, por isso, certamente o recompensará. Na verdade, a sua recompensa está na custódia segura de Deus, para lhe ser dada quando chegar a hora certa. Esta fé do servo é a sua consolação perante o aparente fracasso da primeira fase da sua missão.

Assim, o servo volta a invocar a palavra proferida por *Yahweh*. O servo reafirma a sua vocação e a sua predestinação desde “*o ventre materno*”, fazendo notar que essa eleição para a missão teve como primeiro objetivo converter os Israelitas e fazê-los voltar espiritualmente para Deus. Esta foi a sua primeira missão confiada por *Yahweh*. Na realização final da sua missão, o servo ainda espera ser glorificado por Deus. Ao glorificar o seu Senhor, ele mesmo será glorificado. A força que permitirá ao servo realizar a sua missão advém-lhe da sua plena confiança em Deus. Assim, *Yahweh* renova a força do Seu servo para a missão.

Deus responde ao discurso do Seu servo num oráculo que lhe atribui uma segunda missão. A primeira missão consistiu em levar a mensagem de salvação a Israel. O servo deu por falhada essa missão, mas *Yahweh* declara implicitamente que ele aca-



O “Segundo Poema do Servo de *Yahweh*” encontrou o seu cumprimento histórico na vida e na obra de Jesus de Nazaré.

bará por ser bem-sucedido em erguer “as tribos de Jacob” e em converter “os sobreviventes de Israel”. Erguer as tribos de Jacob significa levantá-las como se levanta alguém que caiu por terra ou que está doente. Portanto, os Israelitas serão restabelecidos no favor de Deus, graças à intervenção do servo. Converter os sobreviventes de Israel significa encaminhar o remanescente justo de Israel para Deus. Portanto, os Israelitas justos serão reintegrados numa relação autêntica com Deus, graças à atuação do servo. Mas este é apenas o resultado final, inesperado pelo servo, da sua missão inicial. Entretanto, Deus reserva para o servo uma segunda missão, com um alcance espiritual extraordinário. Essa missão consiste em ser “*luz das nações*”, de tal modo que o servo será “*a salvação*” de Deus “*até às extremidades da terra*”. Enquanto “*luz*” (*’or*), o servo difunde a verdade sobre o Deus Criador que vai desfazer as trevas da ignorância, do erro e do mal. Ele torna-se no mediador entre *Yahweh* e a Humanidade que habita a Terra. Por ser tal mediador, o servo é, ele mesmo, o portador da salvação para todas as nações. Estas poderão ser salvas, caso aceitem o servo de *Yahweh* como o portador da graça salvadora de Deus. Portanto, a primeira missão do servo foi reverter Israel ao seu Deus. Esta missão foi mal-sucedida numa primeira fase, mas acabará por ter êxito, pois um remanescente de Is-

rael virá a voltar-se para *Yahweh*, graças ao ministério do servo. A segunda missão do servo consiste em converter toda a Terra à religião de *Yahweh*, o Deus Criador. Essa segunda missão terá plenamente êxito. Ela marca uma nova era no ministério extraordinário do servo de *Yahweh*.

O “Segundo Poema do Servo de *Yahweh*” termina com uma intervenção de Deus dirigida ao Seu servo, que aborda incipientemente o sofrimento por que o servo terá de passar e que desvenda o significado do servo do Senhor para o mundo gentílico. Deus apresenta-Se ao Seu servo como sendo o “Redentor” e o “Santo” de Israel. Apesar de o servo ser inicialmente desprezado e vilipendiado pelos Gentios no seu ministério, dar-se-á um volte-face. O ministério espiritual do servo acabará por ser reconhecido e muito valorizado, ao ponto de os reis gentios, que estão sentados nos seus tronos, se erguerem diante dele, e ao ponto de os príncipes gentios, que estão de pé, se prostrarem diante dele. Esta reverência extrema pelo servo de *Yahweh*, expresso pelos poderosos da Terra de um modo que se aproxima da adoração, será o resultado da intervenção de Deus em favor do Seu servo, que foi eleito por Si para a missão de O revelar ao mundo. Deus é fiel à Sua palavra profética, que se cumprirá na vida e no ministério do Seu escolhido servo.

JESUS, O SERVO DE YAHWEH

O “Segundo Poema do Servo de *Yahweh*” encontrou o seu cumprimento histórico na vida e na obra de Jesus de Nazaré. De facto, podemos afirmar convictamente, sem receio de errar, que Jesus é a única pessoa na História que cumpriu com exatidão esta profecia de Isaías.

Ele foi o perfeito Servo de Deus, tendo-Lhe sido obediente, a ponto de fazer sempre da vontade divina a Sua vontade (Lucas 22:42; João 4:34; 6:38). Quando foi batizado por João Batista, no Jordão, dando



assim início ao Seu ministério público, Ele foi ungido pelo Espírito de Deus e recebeu o testemunho do Pai de que era o Seu “Filho bem-amado” (Mateus 3:16 e 17; Marcos 1:10 e 11; Lucas 3:22). Note-se que a palavra grega *pais* (“filho”), que é usada nestas passagens dos Evangelhos sinóticos, significa também “servo”. Portanto, Jesus é reconhecido por Deus, após o Seu batismo, como sendo o “Filho”/“Servo” de *Yahweh*.

Jesus foi eleito por Deus para ser o Seu Servo, desde a Sua geração no ventre de Maria, e o Seu nome – “Jesus” – foi chamado por Deus antes mesmo do momento da Sua concepção (Lucas 1:31-33; 2:21). Assim, Jesus (cujo nome significa “*Yahweh* é salvação”) foi predestinado para trazer salvação ao povo de Deus de todos os tempos (Mateus 1:20 e 21).

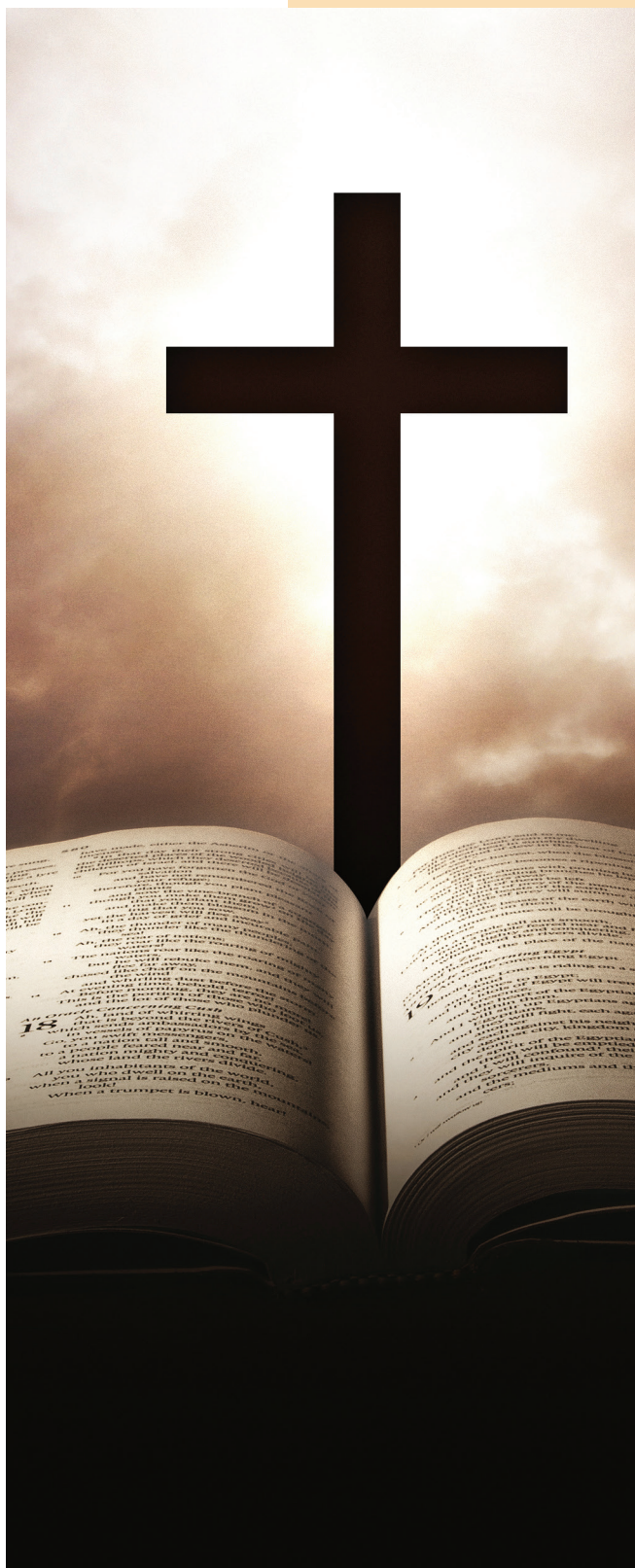
Jesus foi mantido em reserva até que chegasse a hora de executar a Sua missão. Quando chegou o tempo previsto por Deus, Jesus veio ao mundo e realizou rapidamente a missão que o Criador Lhe confiou (Marcos 1:15).

O Servo de *Yahweh* seria um exímio e poderoso orador. Jesus cumpriu esta predição de Isaías. A Sua mensagem foi eficaz e as Suas palavras estavam cheias de poder, a ponto de mesmo os Seus inimigos dizerem: “*Nunca homem algum*

falou assim como este homem” (João 7:46). No decurso da história do povo de Deus, Jesus foi mantido em reserva até que chegasse a hora de executar a Sua missão. Quando chegou o tempo previsto por Deus, Jesus veio ao mundo e realizou rapidamente a missão que o Criador Lhe confiou (Marcos 1:15). Por isso, Paulo pôde escrever que *“vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei”* (Gálatas 4:4).

Enquanto Servo de *Yahweh*, Jesus glorificou Deus no Seu ministério público e através dos Seus poderosos ensinamentos. Ele mesmo o declarou, ao terminar a Sua missão na Terra: *“Agora é glorificado o Filho do homem, e Deus é glorificado nele”* (João 13:31). Dirigindo-Se a Deus, Jesus reiterou a convicção de que tinha trazido glória ao nome de Deus: *“Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer”* (João 17:4). No decurso da história da Humanidade, Jesus tem glorificado Deus através da Igreja que instituiu, espalhando o conhecimento de *Yahweh*, o Deus Criador, pelos povos da Terra.

A missão inicial de Jesus teve como objeto *“as ovelhas perdidas da casa de Israel”* (Mateus 15:24), pois a Sua tarefa era reaproximar o povo judeu do seu Senhor. Esta primeira missão foi, inicialmente, um falhanço. Jesus *“veio para o que era seu, e os seus não o receberam”* (João 1:11). Ele sentiu uma profunda tristeza pelo facto de o Seu ministério em favor de Israel ter sido tão pouco apreciado (Mateus 23:37; Lucas 13:34). No entanto, a Igreja que fundou acabou por ser integrada pelo remanescente da casa de Israel, pois todos os primeiros Cristãos, nos primeiros anos da Igreja, eram Judeus. De facto, a Igreja Apostólica começou por ser um movimento messiânico judeu (Atos 2:41-47). Hoje mesmo, ao aproximarmo-nos da Segunda Vinda de Jesus, existe um poderoso movimento mes-



Enquanto Servo de *Yahweh*, Jesus glorificou Deus no Seu ministério público e através dos Seus poderosos ensinamentos. Ele mesmo o declarou, ao terminar a Sua missão na Terra: “Agora é glorificado o Filho do homem, e Deus é glorificado nele” (João 13:31).

siânico entre os Judeus, constituído pelo remanescente de Israel que reconhece Jesus de Nazaré como o Messias predito pelos profetas.

Mas, enquanto Servo de *Yahweh*, Jesus deveria ter uma missão mais ampla. Ele deveria ser a “*luz das nações*”. E Ele foi-o, de facto. Na apresentação do menino Jesus no Templo, Simeão profetizou que Ele seria “*luz para alumiar as nações*” (Lucas 2:32; cf. João 1:4 e 5). Estando plenamente consciente da Sua missão, Jesus declarou repetidamente ser a “*luz do mundo*” (João 8:12; 9:5; 12:46). Ele foi essa luz, porque foi o meio de levar o reconhecimento sobre o Deus Criador a toda a Humanidade. Nessa medida, tal como estava profetizado por Isaías, Jesus foi também o portador da salvação de *Yahweh* até às extremidades da Terra (Atos 4:12). Ele veio salvar não apenas Israel, mas toda a Humanidade (João 3:16). A Sua mensagem de salvação, levada pela Sua Igreja, espalhar-se-ia até aos confins do mundo (Mateus 24:14). Hoje, o Cristianismo é a religião mais espalhada pela Terra, levando a todos os povos o conhecimento salvador sobre *Yahweh*, o único verdadeiro Deus.

Embora Jesus tenha sido tratado como “*escravo dos tiranos*”, ao ser maltratado durante o Seu julgamento por Herodes Antipas (Lucas 23:11) e por Pilatos (João

19:1, 16, 19) e ao ser executado na cruz como se fosse um escravo rebelde, Ele viria a receber a homenagem e a adoração dos reis e dos príncipes das nações da Terra. De facto, assim tem sido desde que o Cristianismo foi sendo implantado entre as nações. Os governantes da Cristandade têm, ao longo da história dos dois últimos milénios, feito de Jesus o seu Senhor e Mestre, adorando-O como Filho de Deus. No fim dos tempos – é-nos predito pelo apóstolo Paulo – todo o joelho se dobrará perante Jesus, em sinal de reconhecimento da realeza messiânica de Cristo (Filipenses 2:10).

CONCLUSÃO

Jesus veio viver entre os homens para realizar a missão que Deus Lhe confiou. Ele é o Servo de *Yahweh* profetizado por Isaías. Ora, a vontade de Cristo é levar a “*salvação até às extremidades da terra*”, iluminando com a verdade todos os corações humanos. Assim, caro Leitor, aceite a salvação que Jesus lhe quer oferecer, sem qualquer custo. Faça de Jesus o seu Salvador! ▢

NOTA

1 Embora esteja atestado em todos os manuscritos hebreus (menos num) e nas traduções antigas do texto hebreu, pode-se considerar o nome “Israel” como uma glosa introduzida numa época posterior à redacção do texto por Isaías. De facto, (1) o nome “Israel” sobrecarrega metricamente o versículo, que faz todo o sentido sem ele; (2) os versículos 5 e 6 estabelecem uma clara antítese entre o “servo” e Jacob/Israel. O “servo” é enviado a Israel, pelo que não pode ser “Israel”; (3) o nome “Israel” aparece na segunda parte de Isaías (40-66) sempre em paralelo com “Jacob” (e.g. 49:5 e 6; 44:23), o que aqui não sucede; (4) a linguagem utilizada nos versículos 1 e 2 identifica claramente o “servo” como sendo um indivíduo, o que se harmoniza mal com a repentina transição observada na identificação do “servo” com “Israel” no versículo 3; (5) nos outros três poemas que têm por protagonista o servo de *Yahweh*, ele nunca recebe um nome. Tendo em conta estes cinco argumentos, pode-se concluir que a inserção do nome “Israel” em Isaías 49:3 resulta de uma releitura da comunidade judaica retornada do exílio babilónico, que se identificou, espiritual e historicamente, com o “servo” mencionado na segunda parte do livro de Isaías. O texto original saído da mão de Isaías não incluiria o nome “Israel” atualmente presente em Isaías 49:3.


CIÊNCIA



Julián Melgosa¹

Psicólogo

BÍBLIA E SAÚDE



A leitura da Bíblia, acompanhada de meditação sobre o que o texto diz e quer dizer, pode tornar-se num poderoso redutor de stresse. Isto acontece devido à chamada resposta de relaxamento, que favorece a redução das hormonas do stresse – o cortisol e a noradrenalina. Sabendo-se que o stresse pode ser a causa de inúmeras doenças psicossomáticas, cada experiência calmante derivada de atividades devocionais promoverá a saúde.

NOTAS

1 Julián Melgosa, Doutor em Psicologia Educacional, professor e escritor. Este artigo foi condensado e adaptado do seu livro *Crer Faz Bem*, Tatui, SP, CPB, 2015, pp. 40-46.

A BÍBLIA E OS ADULTOS

Um estudo conduzido por Leila Shahabi, do Centro Médico Russo-Presbiteriano St. Luke – Chicago, EUA (2002), envolveu 1422 adultos saudáveis (46% homens e 54% mulheres), com uma média de 46 anos. O objetivo era verificar as variáveis relacionadas com a religiosidade e a espiritualidade. Os questionários incidiram sobre a frequência da oração, da meditação e da leitura da Bíblia. Havia também perguntas para avaliar o stresse, a desconfiança, o grau de tolerância ou de intolerância e a saúde em geral. Os resultados permitiram identificar quatro tipos de pessoas: religioso e espiritual, somente espiritual, somente religioso e nem religioso nem espiritual.

Este estudo demonstrou claramente as vantagens que a pessoa tem por ser religiosa, quer em relação à saúde mental, quer em relação à saúde física. O estudo esclareceu, de igual modo, a questão da religiosidade e da espiritualidade. Há pessoas que dizem que a religião não é relevante e que ser espiritual é o que importa. Todavia, o estudo mostra que as vantagens são maximizadas quando a espiritualidade acontece no contexto religioso. Isto é, ir semanalmente a um lugar tranquilo que estimula a reflexão, ouvir sermões que defendam o amor e o serviço em favor dos outros, experimentar a alegria de se unir a outros crentes no cântico e louvor podem proporcionar experiências diretas, de um modo contínuo, que reforcem as virtudes inerentes a pessoas genuinamente espirituais.

Em Denver, na Universidade do Colorado (EUA), Marsha Viggins e a sua equipa realizaram um estudo específico, durante dois anos, entre 226 homens seropositivos com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). O estudo foi publicado no *Journal of Spirituality and Mental*

Health, em 2008. O objetivo era observar os efeitos das práticas religiosas para lidar com o stresse, com a depressão e com os comportamentos de risco (drogas ilícitas e álcool). Os resultados mostraram que os homens que costumavam ler a Bíblia, que oravam e que iam à igreja eram menos propensos a ter depressão e a usar as substâncias de risco.

Hughes Helm, da Universidade Duke, Carolina do Norte (EUA), liderou um estudo durante seis anos com 3851 adultos idosos, com mais de 65 anos. O estudo foi publicado no *Journal of Gerontology*, em 2000. O objetivo era descobrir se a atividade religiosa pessoal aumentava a sobrevivência. Os resultados revelaram, de forma clara, que aqueles que se dedicavam às atividades religiosas pessoais (estudo da Bíblia, oração e meditação) antes de surgirem as limitações da vida diária, tinham uma vantagem de sobrevivência mais elevada sobre aqueles que não as praticavam.

A BÍBLIA E OS ADOLESCENTES

No Reino Unido, Leslie Francis, da Universidade de Gales, em Bangor, estudou (em 2000) um grupo excepcionalmente grande de 25 888 adolescentes, entre os 13 e os 15 anos (13 300 rapazes e 12 588 meninas), de 125 escolas da Inglaterra e do País de Gales. O estudo foi realizado apenas com Cristãos. O principal objetivo era observar a relação entre a leitura da Bíblia e o propósito da vida. A questão colocada foi: “Com que frequência lê a Bíblia?”, e as opções de resposta: nunca, algumas vezes, uma vez por semana, quase todos os dias. Foram também avaliados sobre a saúde mental. O estudo mostrou que os adolescentes que acreditavam em Deus, que tinham o costume de ir à igreja e que liam a Bíblia com frequência revelaram baixa

pontuação para tendências psicóticas e para conformidade social. Em resumo, a crença em Deus, a frequência à igreja e, em especial, a leitura da Bíblia têm um poder preditivo adicional único sobre o propósito da vida.

Os benefícios do estudo da Bíblia até influenciam o desempenho escolar e o próprio comportamento na escola. Foi isso mesmo que William Jeynes, professor de Magistério na Universidade da Califórnia, em Long Beach (EUA), descobriu em 2009. Estudou uma amostra aleatória de 140 alunos, do 7º ao 12º anos, numa grande escola cristã. A pesquisa tinha como objetivo verificar como o conhecimento da Bíblia está relacionado com o desempenho acadêmico geral. Os resultados mostraram que alunos com um nível elevado de conhecimento bíblico também tinham uma média de notas escolares mais alta. Em contraste, entre aqueles que tinham baixos níveis de conhecimento bíblico, a tendência era a de se ter médias baixas. Por outro lado, os alunos com melhor conhecimento bíblico demonstravam ter também melhor comportamento na escola, enquanto os colegas com nível mais baixo de conhecimento da Bíblia tinham também pior comportamento na escola. ▢

A Bíblia guia, edifica o caráter e dá sentido à vida. A Bíblia, como Palavra de Esperança, transmite Esperança à vida!

“Lâmpada para os meus pés é a tua Palavra e luz para os meus caminhos” (Salmo 119:105).



17 Horas em Exercício Contínuo

HIROMU INADA concluiu o triatlo em menos de 17 horas: nadou durante uma hora e 51 minutos, depois pedalou oito horas e correu seis horas e 28 minutos.

Para se ser considerado um homem de ferro é necessário concluir uma prova que se divide em três exigentes etapas: nadar 3,8 quilômetros, pedalar 180 quilômetros de bicicleta e correr 42 quilômetros.

Hiromu Inada, um Japonês de 86 anos, concluiu a última prova do Campeonato do Mundo, no Havaí, em 16 horas, 53 minutos e 50 segundos. Hiromu Inada conseguiu chegar sensivelmente seis minutos antes do encerramento da meta, 17 horas depois do sinal de partida.

Este Japonês é o homem mais velho da História a finalizar um *Ironman*. À chegada, a multidão aplaudiu e gritou entusiasmada perante o feito deste homem, que já tinha participado sete vezes neste triatlo.

(Notícia do *EXPRESSO* – 15 de outubro de 2018)

É de louvar o feito deste atleta de 86 anos, que fez o que a maioria de nós não

consegue fazer. É um exemplo de força física, vontade, determinação, disciplina, resiliência e muito mais. É um modelo a imitar. Isto sugere-nos que, nesta época em que é difícil viver no nosso Planeta, é necessário que cada um cuide da sua preparação física, psíquica, social, emocional e espiritual, a fim de poder resistir às circunstâncias cada vez mais adversas.

Talvez você não seja capaz de ser um *homem* ou uma *mulher* de ferro, mas pode aproveitar estes meses de verão para adquirir hábitos saudáveis. Um deles é o hábito de fazer exercício. Com um par de tênis e roupa cómoda inicie um programa diário, de 30 a 60 minutos, de caminhada ou corrida ligeira, adaptado à sua idade e condição física. Vai sentir-se bem, ter melhor saúde e poderá reverter o efeito de algumas doenças, como a diabetes. Terá um ânimo melhor, fortalecerá os seus músculos e ossos, prevenindo a osteoporose, respirará melhor e sentirá menos stresse, entre outros benefícios.

Aproveite o bom tempo ... e seja feliz! ☺



O relógio continua “perigosamente” a dois minutos da meia-noite

As alterações climáticas e o risco nuclear foram os principais motivos que fizeram permanecer este relógio metafórico tão perto do momento que simboliza o fim do mundo.

Desde 1947, é a terceira vez que ficamos tão próximos da meia-noite, que, como se disse já, simboliza o fim do mundo. Os especialistas da revista *Bulletin of the Atomic Scientists* decidiram não mexer nos ponteiros do “*Relógio do Apocalipse*” – uma metáfora que alerta a Humanidade sobre se está mais perto ou mais longe de se autodestruir graças às suas decisões e tecnologias. Já em 2018, este relógio ficou a dois minutos da meia-noite.

Na conferência de imprensa em Washington (24 de janeiro 2019), os cientistas confirmaram a decisão da não alteração do relógio metafórico, apontando como principais motivos as alterações climáticas e o risco nuclear. A questão em cima da mesa era a seguinte: será que se tinha feito o suficiente em 2018 para os

ponteiros do Relógio do Apocalipse recuarem este ano?

“Apesar de alguns progressos [na relação entre os EUA e a Coreia do Norte], a situação permanece perigosa”, afirmou Rachel Bronson, diretora-executiva do *Bulletin*. Desde 2012 os ponteiros têm-se aproximado da meia-noite. No ano passado, ficaram a dois minutos do fim, o que só tinha acontecido em 1953, em plena Guerra Fria, quando os Estados Unidos da América e a União Soviética fizeram os primeiros testes termonucleares.

E quem decide se os ponteiros avançam ou recuam? Há um painel de especialistas em energia nuclear ou alterações climáticas. E existe ainda outro painel, que serve de consulta ao primeiro, que inclui 14 cientistas já galardoados com o Prémio Nobel.

Antes de mostrar onde tinham ficado os ponteiros do relógio, Rachel

Bronson introduziu a expressão “um novo anormal” (tradução literal de *a new abnormal*), que foi repetida inúmeras vezes durante a conferência, para ilustrar o tempo que vivemos. “O novo anormal descreve um momento em que os factos se tornam indistinguíveis da ficção, enfraquecendo as nossas grandes capacidades para desenvolver e aplicar soluções para os grandes problemas do nosso tempo. (...) Não há nada de normal nesta complexa e aterradora realidade que estamos a enfrentar hoje”, considerou Rachel Bronson.

A subida das emissões globais de dióxido de carbono em 2017 e 2018 foi uma das maiores preocupações apontadas pelos cientistas. “Alguns países, incluindo os Estados Unidos da América e alguns países na União Europeia, têm aumentado as suas emissões depois de anos a reduzi-las”, alertou Susan Solomon, docente no Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Além disso, os cientistas salientaram a má atuação de alguns países perante as alterações climáticas. Como mau exemplo, foi referido o “boicote” dos Estados Unidos da América, da Rússia, do Kuwait e da Arábia Saudita ao relatório do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas sobre os impactos da subida da temperatura em 1,5 graus *Celsius*, durante a 24ª Conferência das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas.

O que se pode fazer?

Quanto ao risco nuclear, o painel de cientistas considerou que não houve grandes melhorias relativamente a 2017. E Sharon Squassoni, da Uni-

versidade George Washington, considerou mesmo: “Os riscos associados às armas nucleares, a longo prazo, estão a aumentar por três razões: programas dispendiosos para modernizar o armamento nuclear, doutrinas nucleares em expansão e um afastamento do controlo das armas nucleares.”

Além das alterações climáticas e do risco nuclear, o painel alertou ainda para o perigo da informação falsa, as conhecidas *fake news*. “Os acontecimentos em 2018 ajudaram-nos a perceber melhor a atual corrupção intencional no ambiente da informação”, frisou Herb Lin, da Universidade Stanford. Os desenvolvimentos na biologia sintética, os avanços na inteligência artificial e a criação dos primeiros bebés manipulados geneticamente na China também estiveram entre as ameaças apontadas pelos cientistas.

O painel de cientistas fez várias recomendações sobre o que deve ser feito para que os ponteiros do relógio metafórico voltem a recuar: os Estados Unidos da América e a Rússia devem discutir e adotar medidas que evitem incidentes militares ao longo das fronteiras da NATO; os países devem redobrar os seus esforços para reduzir os gases com efeito de estufa e cumprir as metas do *Acordo de Paris*, que quer limitar a subida da temperatura bem abaixo dos dois graus *Celsius* face aos níveis pré-industriais e até ao final do século; e a comunidade internacional deve iniciar uma discussão com o objetivo de estabelecer normas que desencorajem e penalizem o mau uso das Tecnologias da Informação. ▽



O Deus Sublime



Como Se apresenta Deus?

Eu Sou o SENHOR, e não há outro. Além de mim não há Deus. (...) Assim diz o SENHOR, que criou os céus, o Deus que formou a terra, que a fez e a estabeleceu; que não a criou para ser um caos, mas para ser habitada. Eu Sou o SENHOR, e não há outro! – Isaías 45:5, 18.

Deus é insondável

Porventura, desvendará os mistérios de Deus ou penetrará até à perfeição do Todo-Poderoso? (...) Grande é o SENHOR e mui digno de ser louvado. A sua grandeza é insondável. – Job 11:7; Salmo 145:3.

Deus autorrevela-Se

Nos tempos antigos, Deus falou muitas vezes e de muitas maneiras aos nossos antepassados pelos profetas. Mas agora, que o fim está perto, falou-nos por meio do seu Filho. (...) Certamente, o SENHOR Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas. – Hebreus 1:1 e 2; Amós 3:7.

Alguns atributos de Deus:

Eternidade – *Aquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério guardado em silêncio nos tempos eternos, e que, agora, se tornou manifesto e foi dado a conhecer por meio das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus eterno, para a obediência por fé, entre todas as nações, ao Deus único e sábio seja dada glória, por meio de Jesus Cristo, pelos séculos dos séculos. Amén!* – Romanos 16:25-27.

Imutabilidade – *Eu, o SENHOR, não mudo! (...) Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança.*

– Malaquias 3:6; Tiago 1:17.

Transcendência – *Tendo Salomão acabado de orar (...) a glória do SENHOR encheu a Casa. Os sacerdotes não podiam entrar na Casa do SENHOR, porque a glória do SENHOR tinha enchido a Casa do SENHOR. Todos os filhos de Israel (...) se encurvaram com o rosto em terra (...) e adoraram, e louvaram o SENHOR, porque é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre.* – II Crônicas 7:1-3.

O Amor de Deus – *Deus é amor. E aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele. (...) A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós. (...) Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, estando nós mortos nas nossas transgressões, nos deu vida juntamente com Cristo. Pela graça sois salvos!* – I João 4:16; II Coríntios 13:13; Efésios 2:4 e 5.

NOTA: Textos da Bíblia, versão Almeida Revista e Atualizada (ARA), exceto Hebreus 1:1 e 2, retirado da Bíblia para Todos (BpT).

Conheça e leia
a carta de amor de
Deus à Humanidade!



Receba e reflita,
à sua volta, o Amor de Deus!
Peça gratuitamente: 213 140 166.